

## ELABORAÇÕES COSMOLÓGICAS E A MORTE VOLUNTÁRIA ENTRE OS GUARANI KAIOWA

### DELIMITAÇÃO DO TEMA

Atualmente o território brasileiro possui uma população indígena aproximada de 896, 9 mil pessoas, distribuídas de maneira não homogênea por toda extensão nacional. Destes, um total de 36,2% vivem em áreas urbanas e 63,8% em áreas rurais, em aproximadamente 505 terras indígenas demarcadas ou não, ou estão dispersos em núcleos provisórios de habitação. A segunda maior população à etnia Guarani Kaiowá com aproximadamente 43.401 mil pessoas, sendo o maior contingente Tíkuna, com 46.045 mil habitantes (IBGE, Censo 2010).

Pertencentes ao tronco linguístico Tupi, os Guarani-Kaiowá habitam suas terras historicamente divididos em grupos familiares extensos, chamados de *te'y*, estes por sua vez são assentados em agrupamentos macro familiares denominados de *tekoha*. Cada um destes possui dentro de seu grupo certa liberdade, no que se refere à escolha dos casamentos, na orientação dos jovens e divisão do trabalho. Existe no Brasil aproximadamente 85 áreas exclusivas aos Guarani, que são dispersas principalmente na região sul do país e no estado de Mato Grosso do Sul. Fora do território nacional, no Paraguai, parte na Bolívia, Uruguai e Argentina encontram-se, também, diversos subgrupos guarani. Em nosso país é reconhecida a presença de três subgrupos: Mbya, Nhandeva e Kaiowá, sendo estes últimos, o objeto deste Projeto.

Sobre os guaranis Kaiowá notamos também que estes ocupam o segundo lugar em habitantes por terras indígenas, com aproximadamente 35.276 pessoas vivendo em zonas próprias, e ficam na terceira posição em relação à população fora das terras indígenas com o número de 8.125 mil pessoas, ficando atrás dos Terenas com 9.626 mil pessoas e os Baré com 9.016 mil pessoas fora de uma zona própria de habitação (IBGE, Censo 2010).

Os Kaiowá são conhecidos hoje na mídia brasileira – e também internacional – principalmente pelas situações de conflito com fazendeiros e os defensores dos interesses do agronegócio no Mato Grosso do Sul. Como veremos adiante, a situação de suas terras tornou-se um problema crônico que se desdobra frequentemente em extrema violência contra os índios. Ainda, nas últimas décadas, um evento que chamou a atenção

da sociedade brasileira - principalmente nos anos 1990 - foi o alto índice de suicídios entre os Kaiowá, tema do qual se ocupará este trabalho.

Os dados históricos evidenciam que o afluente do rio Paraná, o rio Iguatemi, demarcava as fronteiras do território Kaiowá e Nhandeva e um grupo Nhandeva se deslocou acompanhando as proximidades do rio Ivinhema, até os rios Vacaria e Dourados, sendo, então, envolvidos pelo aldeamento compulsório que fora promovido pelos órgãos indigenistas durante o século XX. Os grandes favorecidos com essa política nos últimos oitenta anos foram os novos ocupantes, em sua grande maioria fazendeiros, com prejuízos importantes para os Guarani-Kaiowá que vivem na mesma região (Pimentel, 2007).

A ocupação branca nas cercanias Guarani-kaiowá se intensifica, no período da instalação da Colônia Militar de Dourados, em 1861, com a dispersão de ex-combatentes da guerra do Paraguai por essa região. Além disso, também com a ocupação de fazendeiros que exploravam erva mate em uma área de aproximadamente cinco milhões de hectares. Esta atividade econômica persiste até a década de 1940 com o esgotamento dos ervais, e é substituída pela política de ocupação do governo Vargas, que compreende a criação da Colônia Agrícola de Dourados em 1943. No decorrer da década de 1950 intensifica-se a ocupação de terras com a derrubada de matas e a construção de fazendas, pela concessão de títulos de terras por parte do governo do Mato Grosso.

Por todo esse processo de ocupação que foi historicamente incentivado pelo governo federal, a população Guarani, subjugada, se torna refém deste regime sendo obrigada a se mudar, impossibilitando a convivência entre os latifúndios e as áreas de subsistência dos grupos indígenas. A partir disto as famílias extensas, *te 'yi*, se articulam entre si dando origem ao *tekoha*. Como resultado desta série de reformas, houve, enfim, a definitiva instalação de grupos em reservas indígenas estabelecidas no início do século XX, processo efetivamente de “confinamento” destas populações.

Na criação das reservas, não foram observados os laços que formavam a *te 'yi*, e os grupos indígenas foram remanejados para oito reservas disponíveis na época, havendo separação de pessoas que mantinham fortes laços sociais entre si, e que se viram obrigadas a residir e manter contato com famílias que lhes eram desconhecidas. Denominado de *jopara*, este processo produziu o “embaralhamento”, diversos grupos familiares sem vínculos de parentesco sendo obrigados a conviver, tal “mistura” tendo

modificado desde as políticas de casamento e a divisão sexual do trabalho até o ato de adotar práticas dos brancos (Pimentel, 2007).

Nas ciências sociais, o tema do suicídio tornou-se objeto de análise desde Emile Durkheim. A partir do desenvolvimento de seu método sociológico, tal autor propõe uma compreensão de um fenômeno que por muito tempo fora simplificado por reduções em suas particularidades ou entendido como associado a disfunções individuais. A compreensão do fato social é de essencial valor na teoria durkheimiana, transpondo a noção do suicídio individual e vinculando as causas e motivos sociais, articulados à teoria da anomia proposta pelo autor.

Dentro desta perspectiva, E. Durkheim elabora algumas classificações para os tipos de suicídios que variam justamente na articulação e no grau de interação do indivíduo no contexto social; o suicídio egoísta, aquele que é resultado do puro individualismo perante a insignificância do meio no qual o indivíduo está inserido; o suicídio altruísta advém do significado oposto ao egoísta, ação que leva o indivíduo a buscar da morte pelo fato deste se ver disperso ou ser insignificante perante algo muito maior, a sociedade, que tomado como um dever impessoal este se entrega ao seu fim; e, por último, o que o autor denomina de suicídio anômico, que está diretamente ligado ao estado de inserção do indivíduo em um meio que se esfacela diante de seus olhos, estado de desagregação social, devido a momentos de crises e graves mudanças sociais.

No que se refere ao suicídio Kaiowa, a literatura permite afirmar que existem estados psicológicos bem específicos daqueles que retiram a própria vida, mas podemos argumentar aqui também que existe uma forma ou uma particularidade específica na performance dos atos, ou seja, como os suicídios são cometidos. Conforme segue Pimentel (2006), pode-se encontrar nas estatísticas uma constante no que toca a forma como o ato é cometido. O enforcamento é na maioria dos casos a maneira escolhida pelos Guarani e Kaiowá, e, em menor quantidade, a ingestão de venenos. Dos 436 casos citados por Brand & Vietta (2011) no intervalo de ano de 1981 a 2000, 340 foram por enforcamento, o que corresponde a 77, 98% do total.

O suicídio Kaiowá é ressaltado por Brand e Vietta (2001) como sendo, na maioria dos casos, um ato privado, realizado longe dos olhares daqueles com quem se têm relações, longe dos amigos e, sobretudo longe da família. Executado de maneira furtiva, em geral é um ato silencioso e por isso mesmo é de difícil detecção. A pessoa,

antes do ato, desaparece, planeja de forma secreta e vai até um local isolado ou espera que não tenha ninguém próximo para assim acometer contra si mesmo. Em algumas situações o ato em si é precedido de embriaguez.

Poucos são os indícios que são deixados pelo morto Guarani e Kaiowá que evidenciem sua intenção de se matar. Em algumas situações, o ato pode ser precedido de uma briga familiar, ou mais ainda, pode vir após uma desavença conjugal seguida de uma ameaça de abandono familiar e na sequência cometer o ato. Em outras vezes, é acompanhado de uma mudança de temperamento repentina ou evasão do contexto familiar.

O ato chama a atenção, pela grande vontade pela qual é acometida e possui uma característica em particular. Em inúmeros casos, segundo Pimentel (2006), o local onde se prende a corda é um local baixo, menor do que o tamanho de uma pessoa estendida sobre os pés, ou seja, o suicida costuma proceder em sua ação final, de joelhos no chão, enquanto se amarra por meio de uma corda, suas próprias roupas ou um cinto, em uma árvore ou nas vigas de sustentação de suas casas.

Levcovitz (1999), através de uma abordagem psicológica do ato, propõe uma visão sobre a feitiçaria, o *pajé vai*, que busca em um passado imemorial o complexo do guerreiro antropofágico tupi-guarani e do *ethos* minimalista que fora proposto por E. Viveiros de Castro (1986 apud Levcovitz, 200, p. 127). Segundo essa perspectiva existe uma construção da pessoa tupi-guarani de que não se pode abrir mão, e que coloca no centro o “tornar-se outro” Assim, por exemplo, para o guerreiro antropofágico, que buscava a morte através da guerra de vingança, tendo como manifestação de glória ou morrer como guerreiro ou ser capturado e depois ser comido pelo inimigo. Portanto, nestes grupos, a presença do inimigo representado no outro é um elemento estruturante.

Continuando em seu argumento, Levcovitz (1999), sustenta que a morte auto provocada é entendido pelos próprios Kaiowá, como um feitiço, realizado por um inimigo, e ganha, nestes termos, significado social:

O mais essencial, a nosso ver, não está nas características intrínsecas do fenômeno auto agressivo, mas em sua natureza social. O fenômeno individual do suicídio sempre vivenciado pelos índios e seu grupo familiar como um mal produzido por inimigos, um estado de transe que conduz a morte involuntária, produz o estado coletivo estruturalmente relacionado a guerra de vingança. (LEVCOVITZ, 1999; p. 228)

Na interpretação do autor, não encontrando mais o outro como contrário e “parceiro-adversário”, o suicida ele mesmo se apresenta neste outro, acometendo contra si mesmo e não tendo, desta forma, que suportar o peso da terra.

Pimentel (2006), por sua vez, propõe uma forma de se pensar sobre o fenômeno da morte voluntária entre os Kaiowá de uma perspectiva diferente, visando abarcar tanto o plano do parentesco quanto o cosmológico. Segundo este autor, existe uma relação entre o número crescente de guaxos em comparação com o número de suicídios. Para os Kaiowá, de maneira geral, o guaxo é aquele não que foi criado pelos próprios pais, seja devido ao abandono pelos progenitores ou a morte destes. Todavia cabe ressaltar que o guaxo possui pelo menos um dos genitores vivos.

De acordo com o referido autor, os gêmeos demiurgos Sol e Lua eram guaxos, e foram deixados por *Nhande Ru*, quando ainda estavam na barriga de *Nhandesy*, ou seja, o pai ainda estava vivo, mas os abandonara. Lua então fora criada na casa dos pássaros *yurutáu* e lá ela foi vítima de maus tratos.

Mas há algo mais que define a condição de guaxo além da ausência de um dos genitores. O fator que constitui um guaxo é a condição de ser criado e enxergado pelo grupo como tal. Isso quer dizer que pode ocorrer de alguma criança ou jovem ter e reconhecer os genitores e não possuir nenhuma relação entre eles. Assim sendo, esta pessoa é reconhecida como sendo guaxo e o que nos faz compreender que se trata de uma elaboração social.

Para Pimentel (2006), um dos pilares do ser um Guarani é ter parentes e pertencer a um grupo familiar, o *te'yi*, porque ser humano é possuir parentes, viver e conviver com eles. Já o guaxo é privado deste princípio básico. O grande perigo do guaxo para a ordem pública consiste em seu fraco vínculo de pertencimento a alguma parentela, devido à sua criação ou pelos avós ou por outro núcleo familiar que fora adotado.

Esta condição de guaxo; ou não possuir parentes, neste caso, como defendido pelo autor, não ter um dos pais genitores ou de ter sido adotado, conforme trata Pimentel, fragiliza a condição social do jovem e pode fazê-lo mais vulnerável aos constrangimentos sociais. Essa condição, somada à percepção entre os próprios Guarani

da instabilidade emocional que acompanha o jovem através da passagem pela puberdade, pode levá-lo a buscar a morte. Uma maneira radical de expressar sua indignação e discordância em relação ao entorno, sendo a morte a expressão de uma vida de desamparo familiar e social.

## **JUSTIFICATIVA**

A morte voluntária entre os Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul começa a ser reconhecido como um fenômeno social no final dos anos de 1980, quando os seus números de ocorrências deram um salto, segundo Pimentel (2006), de uma média de 5 a 8 casos por ano para 38 mortes em 1990, sendo que a partir deste ano, os números não se mantiveram em uma faixa inferior a 20 casos anuais. No período que compreende os anos 1996 até 1998 os casos se estabilizaram em torno 30 ocorrências, para que no ano de 1999 o número chegou à faixa dos 50 casos. Podemos perceber que este é um aumento expressivo para uma população que em 2005 somava 35 mil pessoas.

Até 1998 os casos eram registrados e atualizados pela própria FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e pelo CIMI (Conselho indigenista Missionário). Mas desde 1999 a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) tem se encarregado de atualizar os números, sendo relativamente fácil de encontrar os dados sobre o suicídio entre os Kaiowá. Conforme situa Brand & Vietta (2001), em um levantamento mais abrangente de 1981 a 2000 houve 436 casos, principalmente concentrados na região de Dourados.

Dados mais recentes estão disponíveis para a visualização e são de livre acesso em um Relatório de Gestão 2010 publicado pela FUNASA (2011), havendo uma tabela que coloca as taxas de mortalidade por suicídio (X 100.000) por sexo e por ano, a qual demonstra a atualidade destes casos, construindo um panorama de morte auto infligida entre os Guarani Kaiowá e Nhandéva no Mato Grosso do Sul em um intervalo de tempo que se estende de 2000 até 2009. Nele, podemos observar claramente a evolução do número. No ano de 2000 somam 90 ocorrências, sendo que no ano 2002 é o mais expressivo destes números no que toca ao número de mortes, superior a 100; a partir desta data, tem-se uma queda e em 2008 a contagem volta a crescer para 90 acontecimentos, finalizando os dados disponíveis em 2009 com 64 eventos de suicídio.

Podemos trabalhar com dados ainda mais recentes, em Relatório publicado pelo CIMI intitulado “Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil: dados de 2015”,

coordenado por Lúcia Helena Rangel. O relatório reúne dados que se estendem de 2000 a 2015, tendo como foco o número de casos ocorrentes no estado do Mato Grosso do Sul. Se considerarmos esse intervalo de 15 anos, foram 752 ocorrências registradas, tendo como maior pico os anos de 2008, conforme já apresentado anteriormente e o ano de 2013 com 73 casos, sendo que os anos de 2014 e 2015 registraram uma queda, respectivamente 48 e 45 registros.

Conforme nota-se, para uma população de aproximadamente 35.276 pessoas (IBGE, Censo 2010), a taxa de suicídio é alta. Dentre as hipóteses apresentadas na bibliografia sobre o suicídio entre os Guarani-Kaiowá, pode-se destacar segundo Costa Pereira (1995 apud Pimentel, 2006, p. 65-66), o alcoolismo, a feitiçaria, a situação econômica precária, a multiplicação de grupos evangélicos, a busca pela “terra sem males”. Podemos acrescentar ainda o *ethos* minimalista e o complexo do guerreiro antropofágico (LEVCOVITZ, 1999), o histórico conflito de terras em áreas indígenas (BRAND, 1994), dentre inúmeros outros. Todavia a etnologia Kaiowá contemporânea demonstra que a dinâmica social Guarani- Kaiowá se mantém operante, de modo que não parece que sejam plenamente satisfatórias as teses que explicam o suicídio kaiowá unicamente pela “desestruturação social” ou por outras negativas.

Todavia o interesse, nesse panorama é compreender como a cosmologia e a compreensão Guarani – Kaiowa pode ser acionada para se interpretar o ato do suicídio. Acima foram mencionados alguns dos principais autores que abordaram sobre esse tema, contudo, colocam-se fatores que são externos às próprias formas de interpretação Kaiowa. Buscar compreender através das manifestações cosmológicas e dos mitos de origem, a perspectiva nativa, sobre o ato suicidógeno, é uma das preocupações principais de todo pesquisador.

Desta forma, pretende-se contribuir para a compreensão da morte auto infligida entre os Kaiowa e através dos resultados desta pesquisa tenciona-se colaborar com o aprofundamento das análises interpretativas dos mitos de origem e da cosmologia ameríndia, especificamente entre os Guarani.

## **OBJETIVO GERAL**

Tenho como objetivo geral neste artigo construir uma relação e uma possível explicação entre o suicídio entre o Guarani-kaiowa e as compreensões cosmológicas dos

Guarani. A elaboração cosmológica, de cunho xamânico, empreendida pelos portadores de conhecimento tradicional entre os Guarani e Kaiowá constrói uma explicação clara e direta para os suicídios. Argumento aqui, que independente dos inúmeros fatores externos aos atuais grupos indígenas, principalmente os Guarani-kaiowa, que a relação cosmológica deve ser necessariamente levada em consideração para a compressão dos atos suicidógenos entre os jovens Guarani Kaiowa.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender como o xamanismo e principalmente os feitiços, denominados de *pajé vai*, está diretamente ligado ao ato da morte auto infligida.
- Analisar a relação entre como tal entendimento do xamanismo nos possibilita compreender a associação entre as características da sociabilidade indígena e os suicídios, ou seja, como o feitiço, *pajé vai*, pode ser utilizado para explicar, não só os atos suicidógenos em si, mas tem por pano de fundo relações conflituosas que estão diretamente ligadas aos conflitos em relação ao impacto da perda da terra e a tradição Guarani - kaiowa.
- Compreender como o significado Guarani-kaiowa de *tekoha* (espaço onde se realiza o ser guarani) pode ser utilizado para elaborar uma possível interpretação do conflito histórico da terra no Mato Grosso do Sul.

### **PROBLEMA**

Este projeto é oriundo de uma pesquisa inicial feita como requisito para obter o título de Bacharel e Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Para tanto realizei uma pesquisa bibliográfica sobre o tema do suicídio Guarani Kaiowa, dentro das possibilidades de análise percebi que apesar dos autores levarem em consideração o “ponto de vista nativo” este não é pensado como forma de análise para se pensar em possíveis explicações para os atos cometidos.

Desta forma, percebi que muitas questões me tomaram e a busca por uma explicação própria para o ato da morte auto provocada me possibilitou desenvolver alguns questionamentos, como: Podemos utilizar a cosmologia Guarani Kaiowa para

elaborarmos um quadro explicativo sobre o tema da morte auto provocada? O que dizem os vivos sobre aqueles que se mataram? Como podemos elaborar explicações que tocam tanto na situação atual que os Kaiowa enfrentam a partir de suas elaborações cosmológicas sobre o mundo em quem vivem? Como essas elaborações podem ser tomadas na tentativa de entender o fenômeno da morte auto provocada?

## **HIPÓTESES**

A cosmologia, ou as manifestações religiosas surgem, como tema central de análise, em muitos estudos sobre os Guarani. Seria impossível trabalhar sobre qualquer aspecto ou prática social entre eles sem adentrarmos nos aspectos cosmológicos que regem sobre a vida da pessoa e sobre seu grupo.

As elaborações cosmológicas estão diretamente ligadas ao modo de ser Guarani, a sua ação e a sua maneira de estar presente no mundo. Não podemos encarar suas atividades sem pensarmos que existe uma interpretação cosmológica que dá sentido a determinadas práticas, creio que a morte auto provocada seja uma destas práticas em que não podemos deixar de olhar para os aparatos cosmológicos.

Proponho aqui que ao pensarmos no ato suicidógeno Guarani Kaiowa devemos encarar a perspectiva da cosmologia, não como uma possível explicação para o fato ou uma interpretação dos atos, mas sim como uma base cosmológica em que princípios estruturais mais gerais e que fazem parte da construção cultural e que corroboram com a constituição identitária, permite um local possível para o ato da morte auto infligida, como uma “saída possível” dentro do espectro de ações praticáveis.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa a ser desenvolvida é uma pesquisa bibliográfica, que compreende tanto a leitura de etnografias sobre os Guarani-Kaiowá quanto de artigos e textos acadêmicos em geral voltados para a análise do suicídio entre grupos ameríndios. A partir do estudo de descrições etnográficas sobre este povo, selecionadas prioritariamente em bancos de teses de antropologia, pretendo construir uma dissertação da morte voluntária entre jovens kaiowá. A análise pretendida tomará por base, estudos etnográficos disponíveis e deverá adotar como eixos, conforme pretendido, a noção Guarani de xamanismo, bem como suas construções cosmológicas e os mitos de origem e escatológicos culturalmente (re)produzidos.

## CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

<b>Atividades desenvolvidas em 2018</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Disciplinas da Pós-graduação			X	X	X	X		X	X	X	X	X
Redação do artigo para a qualificação						X	X	X	X	X		
<b>Atividades desenvolvidas em 2019</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X									
Produção e escrita da dissertação			X	X	X	X	X	X	X			
Revisão da dissertação e apresentação									X	X	X	X

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

<<http://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>>  
 acessado em: 23 setembro de 2017.

<<http://www.cimi.org.br/site/ptbr/index.php?system=busca&qry=aty+guasu&x=0&y=>>> acessado em 23 de setembro de 2017.

AMARO, Rodrigo. O nhandereko rimado no Rap: indigenização da cultura e reflexividade cultural dentre os jovens kaiowás das aldeias de Jaguapirú e Bororó – Dourados/MS. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RN, 2014.

AZEVEDO, Marta M. “JEJUKA – Suicídio entre os Kaiowá”. Mimeo, 1987.

BENITES, Tônico. Rojero ky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro; UFRJ/MN/PPGAS, 2014.

BRAND, Antonio J. e VIETTA, Katya. “Análise gráfica das ocorrências de suicídios entre os Kaiowá/Guarani, no MS, entre 1981 e 2000” e “Visões Kaiowá sobre os suicídios”. Tellus -1 Campo Grande, Ed. UCDB, 2001.

\_\_\_\_\_. O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre. 1997.

CARDOSO, Andrey Moreira et al . Mortality among Guarani Indians in Southeastern and Southern Brazil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 27, supl. 2, p. s222-s236, 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2011001400010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001400010&lng=en&nrm=iso)> acessado em 23 de setembro de 2017.

Conselho Indigenista Missionário/MS, Comissão Pró-Índio/SP & MPF/PGR 3ª Região. Conflitos de Direitos sobre as Terras Guarani Kaiowá no Estado de Mato Grosso do Sul. São Paulo, Palas Athena, 2000.

DAL POZ, João. Crônica de uma morte anunciada: do suicídio entre os Sorowaha. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 43, n° 1, p. 89-144, 2000.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. O suicídio - Estudo Sociológico. Lisboa, Editorial Presença, 1987 [1897].

ENCONTRO ANUAL DA AMPOCS, 31, 2007. Entre nhemyrõ e vy'ae'y: interpretações sobre os motivos e atitudes dos suicidas Guarani-kaiwa. Universidade de São Paulo. 2007.

GIDDENS, Antony. Em defesa da Sociologia . São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

LEVCOVITZ, Sérgio. Kandire – O Paraíso Terreal. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/ Te Corá, 1998.

MELIÁ, Bartolomeu; GRÜNBERG, Friedl & GRÜNBERG, Georg. Los Paĩ Tavyterã – Etnografía Guarani Del Paraguay Contemporâneo. Centro de Estudios Antropológicos da Universidade Católica, Assunção, 1976.

NIMUENDAJU, Curt; As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos dos Apapocuva-Guarani, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PIMENTEL, Spensy K. Entre o nhemyrõ e vy'ae'y: interpretações sobre motivos e atitudes dos suicidas guarani-kaiowa. 31º Encontro Anual da ANPOCS, Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Sansões e Guaxos: Suicídio guarani e kaiowá – uma proposta de síntese. Dissertação de mestrado, São Paulo, PPGAS-USP, 2006.

Relatório de Gestão 2010 / elaborado pela Coordenação Geral de Planejamento e Avaliação CGPLA/DIREX. Brasília: Ministério da Saúde: Fundação Nacional da Saúde, 2011.

SEEGER, A., DA MATTA, R. & CASTRO, E. V. de. : “A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras”. Boletim do Museu Nacional. 1979.

THOMAZ DE ALMEIDA, Rubem F. “O Caso Guarani: o que dizem os vivos sobre os que se matam”, in RICARDO, Carlos Alberto (ed.). Povos Indígenas do Brasil 1991-1995. São Paulo, ISA, 725-8, 1996.